

A revitalização do arielismo em meio à Revolução Mexicana: o ensaísmo de Alfonso Reyes e de Pedro Henríquez Ureña.

Marcos Alves de Souza¹
Professor Assistente Doutor da FCHS-UNESP Franca
msouza74@hotmail.com

Depois de três décadas no poder, a ditadura de Porfírio Díaz no México mostrava claros sinais de desgaste a partir do início da primeira década do século XX. Depois de liderar as tropas nacionalistas que haviam derrubado o Imperador Maximiliano I em 1867, este colocado e mantido no poder pelas tropas francesas de Napoleão III, Porfírio Díaz fortaleceu seu poder político e alcançou a Presidência da República pela primeira vez em 1876. Sucedido em 1880 por seu amigo, Manuel González, ele retornou ao poder em 1884 e, por meio de reeleições fraudulentas sucessivas, estabeleceu o Porfiriato, que se tornou o regime político que dominou o país até que a deflagração da Revolução Mexicana em 1910 o obrigou, um ano depois, a renunciar ao poder.

Sua saída deixava clara que seu regime não mostrava quaisquer condições de implementar as mudanças exigidas por amplos setores da sociedade, desde as populações camponesas de origem indígena do sul e do norte do México – que exigiam a reforma agrária e o fim da violência física, econômica, social e política praticada pela oligarquia proprietária de terras – até mesmo esta oligarquia, aliada dos altos postos de poder pela burocracia fiel ao velho líder. Papel de destaque também deve ser conferido aos setores médios urbanos que, em contato com as ideias provenientes da Europa, ora exigiam a real aplicação dos princípios liberais clássicos, descaracterizados na América Latina desde a década de 1870², e, portanto, maior liberdade e maior participação política, ora defendiam a revalorização da tradição cultural que formara o país no período colonial, seja católica, aristocrática ou mestiça.

Foi justamente em meio a este cenário que as críticas ao positivismo e ao cientificismo que preponderaram ao longo do Porfiriato ganharam força. Em seu longo regime, Díaz havia promovido o desenvolvimento da infraestrutura do país

graças a uma política econômica voltada ao capital internacional. Maciços investimentos foram feitos por empresas e bancos estrangeiros, sobretudo norte-americanos e britânicos, aportes que garantiram a estes interesses o monopólio das principais empresas mexicanas, que revertiam a maior parte dos seus lucros para o exterior. Além disso, a economia de exportação mexicana inseriu o país em uma situação subalterna junto ao mercado internacional, em uma condição de exportador de matérias-primas que fragilizava a economia, sempre à mercê das flutuações dos interesses estrangeiros e das condições internacionais de procura por tais mercadorias.

Evidentemente, para a burocracia ao redor de Porfirio Díaz não havia por que mudar este cenário, já que os acordos por ela estabelecidos garantiam-lhe altos rendimentos. Para o restante da oligarquia, para os setores médios urbanos e, principalmente, para a massa camponesa, esta situação precisava ser revertida. Além disso, o predomínio dos interesses norte-americanos no país incomodavam estes segmentos, que enxergavam nessa relação bilateral um obstáculo ao desenvolvimento do país, para eles, refém dos interesses imperialistas norte-americanos. Várias correntes de pensamento partiram deste cenário para projetar um novo futuro para o país a partir da primeira década do século XX, entre as quais aquela que se formou ao redor do *Ateneo de la Juventud*:

La corriente cultural mejor estudiada de esta época es la constituida por el grupo del Ateneo de la Juventud, fundado en 1909 como una sociedad de conferencias por los escritores Alfonso Reyes, Pedro Henríquez Ureña, Martín Luis Guzmán, Julio Torri, Enrique González Martínez y José Vasconcelos; el filósofo Antonio Caso; los arquitectos Jesús T. Acevedo y Federico Mariscal; los pintores Diego Rivera y Roberto Montenegro; y los músicos Manuel M. Ponce y Julián Carrillo. Era, com se advierte, un grupo muy heterogéneo, animado por propósitos diversos.³

Seus antecedentes familiares e ideológicos fundiam-se ao pensamento conservador da época, um pensamento que queria mudanças mas, ao mesmo tempo, exigia o respeito às tradições culturais mexicanas, tanto ancestrais quanto oriundas da colonização espanhola. Faltava uma unidade geracional entre eles, segundo Enrique Florescano⁴, visão não compartilhada por aqueles autores que viram no idealismo anti-imperialista do ensaísta uruguaio José Enrique Rodó uma das principais bases do pensamento desta geração de jovens intelectuais. Aliás,

esta redução do pensamento de Rodó a estas bases também gera polêmicas, principalmente entre os críticos do “arielismo”, corrente de pensamento que correu a América Latina da primeira metade do século XX e que defendeu um modelo de desenvolvimento político, econômico e social para a região que buscasse as tradições conservadoras da colonização espanhola, em detrimento do pragmatismo e do utilitarismo impulsionados pelos Estados Unidos.

Para Alexandra Pita González e Carlos Marichal Salinas, a historiografia mexicana tem usado largamente o conceito de geração intelectual para o estudo daqueles pensadores “científicos” que circularam na época do Porfiriato entre as esferas da política, das finanças e da educação, mesmo que eles tivessem idades muito diferentes. Estes mesmos estudos apontam o uso do conceito de geração para o grupo de jovens que se reuniu ao redor do *Ateneo de la Juventud* e que fundaram *La Revista Moderna*, encabeçado por Antonio Caso, Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Reyes e José Vasconcelos. Finalmente, uma terceira geração teria surgido na Universidade à época da Revolução Mexicana, chamada de geração de 1915, na qual se situam Daniel Cosío Villegas, Vicente Lombardo Toledano, Jesús Reyes Heróles, Samuel Ramos, Manuel Gómez Morín, Gilberto Loyo, Luis Chávez Orozco, Jaime Torres Bodet e Carlos Pellicer.⁵

Além disso, os mesmos autores salientam que é preciso pensar em que medida o uso do conceito de geração tem utilidade para além de agrupar intelectuais e políticos. É preciso se perguntar que grau de homogeneidade há entre eles. Para eles,

Sin duda, en el caso de ciertos grupos de individuos que mantuvieron lazos especialmente estrechos entre sí en el proceso de su despertar creativo o en su labor profesional y política, la expresión [geração] tiene un sentido práctico que permite captar algunos elementos compartidos en su formación, superando los límites de una aproximación biográfica individual.⁶

Hoje, as Ciências Sociais e Humanas recuperaram o conceito de geração para identificar contatos, grandes ou pequenos, entre os membros de um grupo. Mas, é importante ressaltar que o uso deste conceito exige muito cuidado, particularmente quando, num grupo, há múltiplas afinidades estilísticas e estéticas, ou diferentes graus de coincidência ideológica e política, assim como distintas intensidades dos laços pessoais.

Exemplificando: a geração latino-americana de ensaístas dos noventa, entre os quais se destacam José Enrique Rodó do Uruguai, Francisco García Calderón do Peru, Carlos Octavio Bunge da Argentina, Agustín Arguedas da Bolívia, Francisco Encina do Chile, Cesar Zumeta da Venezuela, Manuel Bomfim do Brasil e Francisco Bulnes do México, todos pertencentes às elites latino-americanas, praticava um entrecruzamento um tanto desordenado de correntes intelectuais, alternando entre o positivismo, o darwinismo social e o idealismo. É possível encontrar muitos temas similares em seus livros e ensaios publicados entre 1900 e 1910, mesmo tendo diversa formação educativa e profissional. Por esta periodização, podemos incluir os membros do *Ateneo de la Juventud*. Todos, por exemplo, criticavam Herbert Spencer e sua categorização de grupos sociais em uma escala de inferiores e superiores. Além disso, alguns temas eram mais recorrentes em alguns deles, não em todos. O idealismo ariologista será forte na geração do *Ateneo de la Juventud*, mas não em todos os ensaístas desta época. O enfoque social-darwinista será mais forte em César Zumeta, Alcides Arguedas, Salvador Mandieta, Manuel Bomfim, entre outros. Já entre os mais destacados anti-imperialistas, tivemos José Martí, Eduardo Prado, José Enrique Rodó, Rubén Darío, Ernesto Quesada, Manuel Ugarte e Rufino Blanco Fombona.

Assim, percebe-se que fazer parte de uma geração não significa, necessariamente, coadunar com todos os valores dos demais membros, mas compartilhar de referências mais amplas que motivam diversas discussões a respeito de diversas temáticas, além, é claro, de um processo de constante leitura, discussão e crítica das obras uns dos outros. Não é à toa que um dos gêneros mais prolíficos da época era a crítica literária.⁷

Retomando a crítica de Florescano à falta de uma unidade geracional entre os membros que compuseram o *Ateneo de la Juventud*, é preciso pensar que não é necessário compartilhar a mesma idade para ser impactado pelas mudanças contextuais e pelas referências intelectuais que circulam em meio a uma sociedade. Além disso, em direção ao pensamento de Raymond Williams⁸ sobre a chamada “fração de Bloomsbury”, não é preciso que um grupo se identifique como escola ou corrente de pensamento, nem que exerça a mesma atividade profissional, para que impacte uma sociedade com suas ideias e críticas, como o fizeram os intelectuais e

artistas que compuseram a fração de Bloomsbury na Inglaterra da década de 1920 ou os jovens ateneístas que, com suas ideias, contribuíram não apenas para as discussões travadas ao longo da Revolução Mexicana, como também para o período imediatamente posterior à mesma.

Esta última afirmação, contudo, segue em linha contrária ao pensamento de Enrique Florescano, para quem a guerra de facções revolucionárias da Revolução Mexicana destruiu os ideais dos jovens ateneístas. Em outro sentido, este trabalho defende que a Revolução Mexicana e seu desenrolar trouxeram ao grupo novas temáticas próprias de um cenário conturbado e revolucionário, mas que as mais importantes bases de seu pensamento perduraram após a luta armada e que as mesmas são visíveis em seus escritos até meados da década de 1940. As análises das obras de dois destes membros, Pedro Henriquez Ureña e Alfonso Reyes, indicam esta direção. Ainda sobre a geração do *Ateneo* de 1909,

Sus actos y sus obras definieron las normas de conducta del creador moderno de cultura: práctica cotidiana del rigor como exigencia ineludible de la creación, la crítica y la enseñanza; búsqueda de la realización profesional sobre toda otra contingencia; concepción de la cultura como un almacigo de contenido universal, a cuyas vertientes la cultura mexicana debería estar abierta; y un sentimiento ambivalente de repulsa y fascinación ante el poder.⁹

Pedro Henríquez Ureña, mais mexicano que dominicano para efeitos de sociabilidade intelectual, recorda-se que os jovens que compuseram o *Ateneo de la Juventud*, a maioria com idades ao redor dos vinte anos, começaram a sentir a necessidade de mudança. Em um país oprimido política e economicamente, eles sentiam também a opressão intelectual da filosofia oficial do Porfiriato, o positivismo, e, portanto, passaram a ler todos os filósofos condenados por este.¹⁰ Ao lado do peruano Francisco García Calderón, o dominicano Pedro Henríquez Ureña foi um dos intelectuais mais impactados pela publicação em 1900 de *Ariel*, de José Enrique Rodó. Encontrando no México maior espaço para suas críticas e para seu pensamento, desde antes da fundação do *Ateneo de la Juventud* ele já pregava o pensamento de Rodó¹¹ naquele país, somando seu discurso contrário aos “nordomaníacos” ao de outros autores que pregaram a resistência ao modelo norte-americano de civilização, como José Martí, Rubén Darío e Eduardo Prado, entre outros. Nas palavras de Pedro Henríquez Ureña,

Rodó es el maestro que educa con sus libros, el primero quizá [*Ariel*], que entre nosotros, influye con la sola palabra escrita. No a todos será fácil, sin duda, conocer la extensión de esa influencia; pero quien observe la descubrirá a poco ahondar, esparcida por donde quiera: los partidarios de *Ariel*, los futuros secuaces de *Proteo*, son multitud que crece cada día.¹²

Eduardo Devés Valdés ainda indica claramente que Henríquez Ureña não apenas procurou suas referências entre aqueles intelectuais que mais criticaram os Estados Unidos na virada dos séculos XIX para o XX, como também tinha um sólido conhecimento sobre o pensamento latino-americano do século XIX, como se pode ver a seguir:

Pedro Henríquez Ureña, así como su hermano Max, fue uno de los que más contribuyó a la difusión de Rodó: escribió sobre él en 1905, 1907 y 1910, disertó sobre Rodó como parte del ciclo de conferencias que realizó la joven intelectualidad mexicana para conmemorar el Centenario [da independencia do México]. Allí lo ubica “entre los maestros de América”, junto a Andrés Bello, Domingo F. Sarmiento, Juan Montalvo y Eugenio M. de Hostos, entre otros.¹³

Outro dos membros mais destacados da formação original do *Ateneo de la Juventud* foi o poeta mexicano Alfonso Reyes, tidos por muitos como um dos maiores ensaístas de Língua Espanhola do século XX.¹⁴

Además de Henríquez Ureña, el núcleo pensante de este grupo lo componían Antonio Caso, José Vasconcelos y Alfonso Reyes. Este último, en *Pasado inmediato (1941)*, da cuenta de una situación muy parecida a la que retrata el dominicano [Henríquez Ureña]. Según Reyes, la fundación del Ateneo [de la Juventud] fue precedida por varias sesiones de conferencias en las que participaron muchas personas y que culminaron, ya constituido el Ateneo, con la serie que organizaron en la Escuela Nacional de Jurisprudencia, en agosto y septiembre de 1910, para conmemorar el centenario de la Independencia, en las que participaron, además de los mencionados, Carlos González Peña y José Escofet. De acuerdo con el mismo Reyes, la lectura de Rodó contribuyó a darle a este grupo de jóvenes un sentimiento de solidaridad, de fraternidad, con nuestra América.¹⁵

Aliás, para Alfonso Reyes, no ensaio, este “centauro dos gêneros”, literatura metade lírica e metade científica, o escritor conseguiria escrever politicamente a história ou, então, analisar cientificamente a literatura. Daí derivam, respectivamente, duas das mais impactantes produções literárias da transição dos séculos XIX e XX: os ensaios periodísticos, por meio dos quais os autores discutiam temas contemporâneos à sua época, preocupavam-se com problemas urgentes ou então com tópicos de interesse humano geral; e os ensaios de crítica literária, por

meio dos quais os autores comentavam mutuamente suas obras, poesias e ensaios. Sobre o ensaio latino-americano dos séculos XIX e XX, John Skirius¹⁶ nos adverte que enquanto os ensaístas do século XIX se sentiam mais seguros para propor programas de reforma aos problemas que destacavam, os do século XX, mais comumente, restringiam-se a anunciar os problemas, relegando aos sociólogos, economistas e políticos a tarefa de apresentar soluções para os mesmos.

As constantes referências à influência exercida por Rodó sobre a juventude que ingressou nas letras na primeira década do século XX suscita a realização de pesquisas ao redor de quais foram os elementos ideológicos que mais contribuíram para esta popularidade em meio a tal grupo. É essa direção que a pesquisa que orienta este trabalho pretende seguir, ao buscar verificar o alcance do arielismo no pensamento de dois dos mais importantes membros da geração que fundou em 1909 o *Ateneo de la Juventud*, Pedro Henríquez Ureña e Alfonso Reyes, assim como quais foram os impactos da Revolução Mexicana sobre este mesmo pensamento. Além disso, a seleção por estes dois autores também é motivada pela intensa amizade nutrida entre eles, amizade comprovada não apenas por intermédio de correspondências trocadas entre os mesmos, mas também pelo espaço reservado em suas obras para os comentários sobre a produção intelectual mútua. Finalmente, a escolha por estes dois autores também recai no fato de terem ambos trocado correspondências com José Enrique Rodó¹⁷, nas quais a filiação entre seu pensamento e o daqueles jovens ateneístas é alinhavada. Para Devés Valdés,

Rodó ejerció fuerte influencia sobre la joven generación de comienzos de siglo, generación que publicó sus primeros escritos entre 1900 y 1910. Sabemos de sus comunicaciones con varios escritores, como Francisco García Calderón, Alcides Arguedas, Pedro Henríquez Ureña; sabemos de la admiración de otros, por ejemplo, Carlos Arturo Torres y Juan Vicente Ramírez.¹⁸

É importante destacar que as motivações que levaram Rodó a publicar *Ariel*, bem como os temas presentes neste ensaio, são semelhantes àqueles verificados no México do início do século XX, o que reforça, pela semelhança contextual, a ligação entre Rodó, Henríquez Ureña e Reyes.

Sobre a metodologia contextualista, Quentin Skinner¹⁹ aponta a importância de se fazer uma crítica ao texto produzido e ao contexto de sua produção, para

melhor compreender o pensamento de um autor, como assinalam Aimer Granados García e Carlos Marichal. Segundo eles,

Frente al texto y al contextualismo como metodologías que han servido de guía para la comprensión de textos de pensamiento, Skinner plantea su propuesta en los siguientes términos: la comprensión de textos “presupone la aprehensión de lo que pretendían significar y cómo se pretendía que se tomara ese significado”. Para este autor entonces, interpretar un texto “debe ser entender tanto la intención de ser entendido como la de que esta intención se entienda, que el texto mismo como acto deliberado de comunicación debe al menos encarnar”.²⁰

Skinner não descartava o contexto, a despeito de criticá-lo. Para ele, o contexto seria “un marco último que colabora en la tarea de decidir qué significados convencionalmente reconocibles, en principio, podría haber sido posible que alguien pretendiera comunicar en una sociedad de tal tipo”²¹.

O uso da metodologia contextualista desenvolvida por Quentin Skinner e por John Pocock²² para estudar as ideias em seu contexto vem sendo muito bem aceita, segundo José Eisenberg²³. Para aqueles, os textos teóricos são produzidos por pessoas com motivações próprias, com a intenção de comunicar-se com uma determinada audiência, em um determinado contexto histórico e linguístico. Pocock salienta que os textos, especialmente os políticos, resultam da reação dos autores à conjuntura que lhe é mais próxima, levando-os ao estabelecimento de concepções que, portanto, resultam tanto deste embate quanto do diálogo por eles estabelecido com os demais intelectuais que fazem parte de seu círculo de correspondência. Assim, a metodologia contextualista oferece subsídios importantes para a análise dos pensamentos de Pedro Henríquez Ureña e de Alfonso Reyes antes, durante e depois da Revolução Mexicana.

Por conseguinte, verifica-se claramente a efetiva participação de determinados teóricos nos eventos políticos de seu tempo, tornado impossível distinguir os intelectuais dos políticos, em consonância com o que afirma Ângela Alonso²⁴ a respeito do final do Brasil Império e de forma semelhante a como Raymond Williams tratou os economistas, diplomatas e artistas que compuseram o “círculo de Bloomsbury” na Inglaterra dos anos 1920.

Se ainda se quiser falar de duas esferas, seria preciso incluir em ambas as mesmas pessoas. Tanto os autores de “obras filosóficas” desenvolveram

atividade política contínua quanto os “políticos” escreveram interpretações com base em recursos doutrinários. Não tomar isso em conta significa decepar parte do objeto: a atividade política dos “intelectuais” ou a atividade intelectual dos “políticos”.²⁵

O México da Revolução Mexicana e de seu porvir é um excelente lugar e momento para se analisar como diferentes agentes políticos produziram diferentes práticas discursivas, resultado do choque de opiniões, ações e práticas políticas conflitantes que o contexto histórico, político e intelectual gerava.²⁶

Ao publicar *Ariel* em 1900, Rodó criticou duramente a maneira como os norte-americanos queriam impor seu modelo de organização política e econômica para a América Latina, contestações que o inseriram de maneira diferenciada em um debate que já vinha sendo travado por outros pensadores de sua época, como o poeta nicaraguense Rúbén Darío, o brasileiro Eduardo Prado e o mártir cubano José Martí.

Pero Rodó es clave y su *Ariel* es un símbolo, por ello divide el antes y el después mucho más que Martí, Groussac o el mismo Darío, cuya presencia en las ideas es relativamente menor. Hubo una serie de autores, de ideas, de obras que de una u otra manera, disconformes con el proyecto modernizador (sajonizante, utilitario, oligárquico), fueron reunidos por la obra del uruguayo.²⁷

Na mesma época, impulsionados pelo positivismo embasado principalmente em Herbert Spencer, vários outros pensadores chamados de “científicos” defendiam aquele mesmo modelo de desenvolvimento norte-americano, enxergando no gigantismo alcançado pelos Estados Unidos no final do século XIX um modelo auspicioso a ser seguido, um parceiro econômico a ser privilegiado em detrimento das tradicionais alianças estabelecidas pelos Estados latino-americanos com os países europeus, envolvidos, nesta mesma época, em uma corrida colonialista e armamentista que levaria aquele continente à Primeira Guerra Mundial em 1914.

Assim, os pensadores latino-americanos do que veio a ser conhecido como a *geração dos novecentos*, inspirados especialmente no idealista francês Ernst Renán e em outros filósofos europeus, passaram a questionar o pragmatismo e o cientificismo inerentes à ideologia positivista, que, por sua vez, havia impregnado o liberalismo latino-americano a partir da década de 1870 e ajudado a fundir a tradição oligárquica de origem colonial ibérica com o liberalismo clássico do Iluminismo,

culminando em um “liberalismo conservador” que previa a manutenção de formas autoritárias de poder como o poder local e regional dos fazendeiros; a concentração de poderes nas mãos do presidente em detrimento do poder Legislativo; o cerceamento de uma série de liberdades e a prática de um liberalismo econômico capitaneado pelos grandes proprietários de terra.²⁸ Desta forma, a crítica à sociedade oligárquica da época e ao seu pragmatismo passava pela crítica ao positivismo e a todo e qualquer modelo que se identificasse com aquela realidade e que com ela obtivesse ganhos que pauperizavam a população. Ainda sobre a crítica ao positivismo,

Una reacción comienza contra el positivismo dogmático, se abre un período de disolución y de crítica. Al aceptar influencias tan diversas, sajonas, francesas, alemanas, se va atenuando la antigua fe en la ciencia, en Comte y en Spencer. Dos jóvenes filósofos, Antonio Caso en México y Pedro Henríquez Ureña en Santo Domingo contribuyeron a este cambio. Inspirándose en las ideas de Emile Boutroux, la emprenden contra la estrecha interpretación de las leyes científicas.²⁹

Esta crítica ao positivismo e ao modelo norte-americano de desenvolvimento ficou ainda mais contundente depois da guerra entre os Estados Unidos e a Espanha pela independência de Cuba. Segundo Irlemar Chiampi,

Além das tensões políticas que há mais de meio século vinham alimentando um justificado sentimento anti-imperialista, o clima ideológico de reivindicação da latinidade – desencadeado pelo *Ariel* (1900) de Rodó – se afiançava no mito de que os Estados Unidos eram um mundo materialista e pragmático, carente de espiritualidade, de verdadeiras essências humanas e, como tal, antagônico à nossa América.³⁰

De fato, Rodó dialoga com um sentimento conservador amplamente difundido em meio às camadas mais ilustradas latino-americanas, um ideal que entendia que as contribuições europeias, sobretudo espanholas, para a história e para a cultura latino-americanas eram mais benéficas do que a importação de um modelo utilitarista de base anglo-saxã. Consequentemente, aquela dicotomia negativa para a América Latina produzida por Sarmiento, que identificava a barbárie com esta região, foi invertida pelos pensadores idealistas da virada do século XIX para o século XX, ao mesmo tempo levando tais pensadores a aproximarem-se de suas raízes étnico-culturais e a reprovarem a cultura e a política imperialista norte-americanas.³¹

Entre estes intelectuais, incluem-se o uruguaio José Enrique Rodó, o venezuelano Rufino Blanco Fombona, o argentino Manuel Ugarte, o peruano José Santos Chocano, o argentino José Ingenieros, o mexicano José Vasconcelos, o dominicano Pedro Henríquez Ureña e o equatoriano Gonzalo Zaldumbide, entre outros³². Em uma época em que proliferavam os diagnósticos sobre a enfermidade do continente³³, estes intelectuais propuseram uma mudança de atitude no homem latino-americano de tal modo a sufocar seu sentimento de inferioridade. No *post-scriptum* d' *O labirinto da solidão*, Octávio Paz traça um perfil muito claro deste “jogo de espelhos” praticado pelos intelectuais e que marcou as últimas décadas do século XIX e a transição para o século XX:

É verdade que esta relação de oposição [entre Estados Unidos e América Latina] poderia ser fecunda, se a força de um dos interlocutores e a angústia do outro não toldassem e viciassem o diálogo. De qualquer modo, o diálogo é difícil: mal se baixa o nível informativo e quantitativo, a conversação entre norte-americanos e latino-americanos se transforma num arriscado andar em círculos, entre equívocos e miragens. A verdade é que não são diálogos, são monólogos: nunca ouvimos o que o outro diz ou, se ouvimos, sempre acreditamos que diz outra coisa. Nem mesmo a literatura e a poesia escapam deste enredo de confusões. A maioria dos poetas e escritores norte-americanos ignora ou diminui a cultura ou o homem latino-americano [...] As visões que nós, latino-americanos, temos dos Estados Unidos são descomunais e quiméricas: para Rubén Darío, o primeiro Roosevelt [Theodore] era nada mais, nada menos, que uma encarnação de Nabucodonosor; a primeira coisa que ocorreu a Jorge Luis Borges, quando visitou o Texas, foi escrever um poema em homenagem aos defensores do Álamo. Exageros da cólera, da inveja ou da subserviência: para nós, os Estados Unidos são, ao mesmo tempo, e em contradição, Golias, Polifemo e Pantagruel.³⁴

Marga Graf também segue nesta direção e soma às referências que inspiraram os intelectuais idealistas do início do século XX as perspectivas do darwinismo-social e da psicologia. Neste sentido, Rodó teria sido um pioneiro na sua época. O trechos abaixo reforçam esta perspectiva:

El idealismo de Rodó, así como el de José Martí, de Eugenio María de Hostos, de Pedro Henríquez Ureña y más tarde de José Vasconcelos y otros tantos, en primer lugar, debía ser comprendido como reacción y remedio en cuanto a la busca de nuevas normas en el desarrollo civilizador de los pueblos a base de las tesis tradicionales de la filosofía y de los dogmas modernos de las ciencias sociales y evolucionistas, y de la psicología.³⁵

Rodó el filósofo, el psicoanalista, el analista de la situación histórico y social de la América de su tiempo, en rumbo al porvenir, no fue ni quería ser entendido como visionario ingenuo, más trabajó en busca de sistemas

culturales adecuados para ser aplicados a las condiciones actuales y futuras de la humanidad americana.³⁶

[...] nunca, desde las primeras hasta las últimas páginas perdió de su vista lo que le interesaba fundamentalmente: crear la base espiritual en cuanto a la autodefinition del valor cultural y civilizador de América Latina. Y, en este sentido, se encuentra en excelente compañía con muchos pensadores latinoamericanos de su época.³⁷

Até meados da década de 1940, celebrou-se a *Ariel* de Rodó. Para Devés Valdés³⁸, seu pensamento alcançou José Carlos Mariátegui e Victor Raul Haya de La Torre no Peru nos anos 1920. Para Gerald Martin³⁹, esta influência estendeu-se na América Latina para além da Segunda Guerra Mundial. Mas, em meados do século XX, suas principais linhas norteadoras já estavam sendo refutadas, como afirma Mateus Fávaro Reis⁴⁰.

Entre as críticas estabelecidas naquela época, o escritor peruano Luis Alberto Sánchez caracterizou Rodó como um “espírito conservador das posições”; seu pensamento como “denso contrabando de vacilações e oportunismos”, “culto da oligarquia intelectual”, “preço dos deprimentes despotismos” e “cortesão do poder”; e os arielistas como “caudilhos bárbaros”, entre outras adjetivações.⁴¹

Mais contemporaneamente, Antonio Mitre⁴² e Charles Hale⁴³ alternam críticas positivas e negativas sobre Rodó e sua obra. Para este último, carecia originalidade literária, profundidade filosófica e uma análise social ou política mais específica em *Ariel*. Ele também rebate a profundidade do conhecimento de Rodó a respeito da cultura norte-americana, criticada por Rodó no ensaio. Contudo, Hale reconhece a conexão de Rodó com os problemas de sua época, mesmo que suas respostas aos mesmos sejam caracterizadas como elitistas ou aristocráticas.

Criticando negativamente, defendendo e mitificando o arielismo e seu ideólogo ou adotando uma postura de equilíbrio entre uma e outra posição, a historiografia e o pensamento latino-americanos vêm discutindo a obra de Rodó ao longo do século XX e início do século XXI. Para além da positivação ou negação de seu impacto, objetivos e associações, este estudo visa a contribuir com um alerta ao alcance da visão do arielismo entre os historiadores que debateram a obra de Rodó nas primeiras décadas do século XX, especialmente entre os jovens membros da *Ateneo de la Juventud* do México.

Finalmente, é importante ainda ressaltar que a Revolução Mexicana não extinguiu a influência do idealismo rodoniano. Pelo contrário, ele foi atualizado com novas preocupações, algumas surgidas com a Reforma Universitária de Córdoba de 1918. Tal reforma impactou o continente; e as reivindicações dos universitários irradiaram como uma onda. A geração de intelectuais do *Ateneo de la Juventud*, então um pouco mais velhos e experientes, deu vazão às ideias que fizeram parte deste momento, atacando o positivismo, trazendo à tona novas temáticas oriundas da Europa, mas, ao mesmo tempo, conectando-as com o idealismo de Rodó. Para Eduardo Devés Valdés,

Buena parte de este círculo se había constituido hacia 1910 y poco después como coordinación (explícita o tácita) de los herederos de Rodó: Vasconcelos, Alfonso Reyes, Henríquez Ureña, Francisco García Calderón, y tenía como uno de los polos importantes la figura y la obra de Unamuno en España. Rodó y Unamuno eran los dos referentes más importantes con relación a los cuales se ordenaba un campo de jóvenes que rechazaban el positivismo sajonzante. Este grupo se reordena luego del “caos” de guerras y revoluciones y, hacia 1920, reaparece actualizado: nuevos polos, nuevos componentes, nuevas y viejas pero renovadas ideas (lo agrario, lo mestizo, lo indio, lo social, el antiimperialismo). Así como el circuito conservaba cierta estructuras del período anterior, también se conservaban algunas de sus ideas más o menos intactas: había personas que en 1925 pensaban como el *Ariel* de Rodó.⁴⁴

As décadas seguintes de 1930 e 1940 levaram estes e outros intelectuais mundo afora a uma verdadeira “diáspora americanista” em virtude de contextos políticos e sociais conturbados próprios à América Latina e, também, em face ao conturbado cenário europeu – como a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) –, continente que deixou de ser um refúgio tão ideal quanto o fora no século XIX, como afirma Álvaro Fernández Bravo⁴⁵. Assim, os intelectuais latino-americanos passaram a conviver com exílios constantes e com dificuldades financeiras e somente as redes de sociabilidade e de apoio mútuo por eles construídas permitiram que eles continuassem com suas atividades intelectuais. De fato, as constantes viagens serviram para reforçar o cosmopolitismo de suas ideias e a difusão das mesmas, além de incentivar o crescimento do mercado editorial nas Américas.

Pedro Henríquez Ureña e Alfonso Reyes fizeram parte deste deslocamento e, ao mesmo tempo em que tomaram contato com novas ideias, levaram o arielismo

tanto para a Europa quanto para vários países latino-americanos. A análise de suas obras publicadas neste período nos permite averiguar a maturação do arielismo em seu pensamento.

¹ Professor Assistente Doutor junto ao Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UNESP/Campus de Franca.

² HALE, Charles A. As ideias políticas e sociais na América Latina, 1870 – 1930. In: BETHELL, Leslie (Org.). História da América Latina. De 1870 a 1930. Vol.IV. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF: FUNAG, 2001, p. 331-414.

³ FLORESCANO, Enrique. Los mitos de identidad colectiva y la reconstrucción del pasado. In: CARMAGNANI, Marcello; HERNÁNDEZ CHÁVEZ, Alicia; ROMANO, Ruggiero (Coords.). *Para una Historia de América II*. Los nudos (1). Ciudad de México: El Colegio de México/Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 120 (Serie Américas).

⁴ Ibidem.

⁵ PITA GONZÁLEZ, Alexandra; MARICHAL SALINAS, Carlos (Coord.). *Pensar el antiimperialismo: ensayos de historia intelectual latinoamericana, 1900-1930*. Ciudad de México: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos: Universidad de Colima, 2012, p. 20.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem, p. 20-22.

⁸ WILLIAMS, Raymond. O círculo de Bloomsbury. In: *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011, p. 201-230.

⁹ FLORESCANO, Op. Cit., p. 120.

¹⁰ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Tomo I. 1ª ed. Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

¹¹ Ou ao menos ao que se popularizou na época sobre a principal mensagem do ensaio *Ariel*. Esta ressalva é importante porque para os críticos do arielismo há uma diferença substantiva entre o que queria pregar Rodó com este ensaio e a leitura feita por seus aficionados, que somaram ao *Ariel* as bases de outro ensaio de Rodó, *Los motivos de Proteo*, este sim mais contundentemente contrário aos propósitos imperialistas norte-americanos.

¹² UREÑA, Pedro Henríquez *apud* DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Op. Cit., p. 35-36.

¹³ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Op. Cit., p. 35.

¹⁴ ARDAO, Arturo. *Etapas de la inteligencia uruguaya*. Montevideo: Universidad de la Republica, 1971.

¹⁵ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Op. Cit., p. 36.

¹⁶ SKIRIUS, John (Comp.). *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. 4ª edición revista e aumentada. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1997.

¹⁷ RODÓ, José Enrique. Obras Completas. Madrid: Aguilar, 1957. Além do pensamento de Rodó em *Ariel* e em *Motivos de Proteo*, as duas obras que mais impactaram os membros do *Ateneo de la Juventud* no México, também traz as correspondências de Rodó com os dois intelectuais aqui tratados, Alfonso Reyes e Pedro Henríquez Ureña.

¹⁸ Ibidem, p. 34-35.

¹⁹ SKINNER, Quentin. As fundações do pensamento político moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

²⁰ GRANADOS GARCÍA, Aimer; MARICHAL, Carlos. *Construcción de las identidades latinoamericanas: ensayos de historia intelectual, siglos XIX y XX* (Comps). México: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2004, p. 16.

²¹ SKINNER, Quentin *apud* GRANADOS GARCÍA, Aimer; MARICHAL, Carlos. Op. Cit., p. 16.

²² SKINNER, Quentin. Op. Cit.; POCOCK, John G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003 (Clássicos; 25).

²³ EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*. Encontros culturais, aventuras teóricas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000 (Humanitas).

- ²⁴ ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento*. A geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ²⁵ Ibidem, p. 31.
- ²⁶ EISENBERG, José. Op. Cit.
- ²⁷ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Op. Cit., p. 35.
- ²⁸ HALE, Charles A. Op. Cit.
- ²⁹ GARCÍA CALDERÓN, Francisco. Las democracias latinas de América: la creación de un continente. Biblioteca Ayacucho Digital, p. 151.
- ³⁰ CHIAMPÍ, Irlemar. Introdução: a história tecida pela imagem. In: LEZAMA LIMA, José. *A expressão americana*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 19-20.
- ³¹ CAGIAO VILA, Pilar. La imagen de España en América: el caso uruguayo. In: *Historia y presente en América Latina*. Valencia: Fundación Bancaixa, 1996, p. 205-236.
- ³² BERNECKER, Walther L. El fin de siglo en el Rio de la Plata: intereses internacionales y reacciones latinoamericanas. In: ETTE, Ottmar; HEYDENREICH, Titus (Eds.). *José Enrique Rodó y su tiempo: Cien años de "Ariel"*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2000, p. 15-39 (Lateinamerika-studien, 42).
- ³³ AINSA, Fernando. Ariel, uma leitura para o ano 2000. In: ETTE, Ottmar; HEYDENREICH, Titus (Eds.). *José Enrique Rodó y su tiempo: Cien años de "Ariel"*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2000, p. 40-55 (Lateinamerika-studien, 42).
- ³⁴ PAZ, Octavio. *O Labirinto da Solidão e post scriptum*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 220 (Clássicos Latino-Americanos).
- ³⁵ GRAF, Marga. En marcha a la sociedad moderna latinoamericana: los cuatro aspectos del americanismo de Rodó. In: ETTE, Ottmar; HEYDENREICH, Titus (Eds.). *José Enrique Rodó y su tiempo: Cien años de "Ariel"*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2000, p. 150 (Lateinamerika-studien, 42).
- ³⁶ Ibidem, p. 151.
- ³⁷ Ibidem, p. 152.
- ³⁸ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Op. Cit.
- ³⁹ MARTIN, Gerald. A literatura, a música e a arte da América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. De 1870 a 1930. Vol. 4. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001, p. 489-578.
- ⁴⁰ REIS, Matheus Fávaro. *Americanismo(s) no Uruguai: Os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)*. São Paulo: Alameda, 2014, p. 191.
- ⁴¹ SÁNCHEZ, Luis Alberto *apud* ANTUÑA, José G. *Un panorama del espíritu*. El "Ariel" de Rodó. Tomo I. Montevideo: Barreiro y Ramos, 1969, p. 188 (Colección de Clásicos Uruguayos. Biblioteca Artigas del Ministerio de la Cultura; 136).
- ⁴² MITRE, Antonio. *O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003 (Coleção Humanitas).
- ⁴³ HALE, Charles A. Op. Cit.
- ⁴⁴ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Op. Cit., p. 167-168.
- ⁴⁵ FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro. Redes atlánticas y mundo tropical: Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Reyes y María Rosa Oliver en la diáspora americanista. In: WASSERMAN, Claudia; DEVÉS-VALDÉS, Eduardo (Orgs.). *Pensamento latino-americano: além das fronteiras nacionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 105-129.